



1290000252



FE

TCC/UNICAMP On6q

MARIA ELISANDRA CHIVA ONO

A QUESTÃO DA DISCIPLINA NA ESCOLA

3584

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1996

UNIDADE.....	FE
Nº CHAMADA:	TCC-UNICAMP
	On6q
V.....EX:	
TOMBO:	252
PROC.:	124.12003
C.....D:	x
PREÇO:	11,00
DATA:	06.11.03
Nº CPD:	Brend 311094

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

On6q Ono, Maria Elisandra Chiva.
A questão da disciplina na escola/ Maria Elisandra Chiva. --
Campinas, SP : [s.n.], 1996.

Orientador : Newton Antonio Paciulli Bryan.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual de
Campinas, Faculdade de Educação.

1. Disciplina escolar. 2. Autoridade. 3. Contrato social. 4.
Autoritarismo. 5. Licenciabilidade*. 6. Ética. I. Bryan, Newton
Antonio Paciulli. II. Universidade Estadual de Campinas.
Faculdade de Educação. III. Título.

Maria Elisandra Chiva Ono

A Questão da Disciplina na Escola

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para obtenção de grau em
Bacharel em Educação, sob orientação
do professor e doutor
Newton Antonio Paciulli Bryan.

Faculdade de Educação

Universidade Estadual de Campinas

1996

EXAMINADORES:

Newton Antonio Paciulli Bryan

Elisabeth de Aguiar Pereira

Dedicatória:

A meu esposo e grande amigo Milton Ono.
A Letícia Tieme, minha filha, que nasceu durante o desenvolvimento deste trabalho.
Aos meus pais e irmão que auxiliaram-me de muitas maneiras durante minha jornada na Universidade.
A Rosimery pela força e compreensão.

Agradecimentos:

Ao Professor Newton Antonio Paciulli Bryan,
por sua orientação segura, pela competência de
trabalho, compreensão, amizade e incentivo.
A vice-diretora Glória e aos professores da
E.E.P.S.G. “Dom Jayme de Barros Câmara”,
escola que fez parte de minha vida desde criança,
até os dias atuais.

“(...)se sadia a disciplina exigida, se sadia a compreensão da disciplina, se democrática a forma de criá-la e de vivê-la, se sadios os sujeitos forjadores da indispensável disciplina, ela sempre implica a experiência dos limites, o jogo contraditório entre a autoridade e a liberdade e jamais prescinde de sólida base ética.”

(Paulo Freire)

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA

SUMÁRIO

I. INTRODUÇÃO.....	7
II. DISCIPLINA E AUTORIDADE	
1. Hobbes e Rousseau: Os Contratos.....	11
2. Foucault e Canetti: Poder e Ordem.....	17
3. Freire e Dottrens: Autoridade.....	22
III. DISCIPLINA E AUTORIDADE NA SALA DE AULA	
1. A sala de aula e as teorias abordadas.....	27
IV. PESQUISA DE CAMPO.....	43
V. CONCLUSÃO.....	50

I. INTRODUÇÃO

Nossa sociedade enfrenta atualmente sérios problemas referentes à disciplina. A falta da mesma está presente em vários lugares, tais como : casas, ruas, escolas, etc.

No presente trabalho pretendo analisar a **Questão da Disciplina** na sala de aula, pois é um assunto de extrema relevância e pertinência para ser pensado e discutido por educadores e pesquisadores que pretendem reverter a problemática e efetuar mudanças.

Tenho como maior objetivo, buscar caminhos para que a disciplina seja algo presente nas escolas, não como fruto de uma imposição, mas como algo conquistado através da conscientização das pessoas .

O tema a ser trabalhado teve suas raízes em minha própria prática em sala de aula como professora. Minha inquietação sobre o assunto surgiu com minhas próprias dificuldades em manter a disciplina na sala, provocando uma grande necessidade de buscar novos métodos e posturas que pudessem reverter ou melhorar o meu desempenho, e conseqüentemente, o comportamento de meus alunos.

Durante minha trajetória como estudante no curso de pedagogia, tive oportunidade de observar mais de perto os problemas em relação a disciplina. Através dos estágios nas séries iniciais, comecei a observar que existem muitas dificuldades em conseguir o respeito mútuo, bem como motivar os alunos.

Partindo do pressuposto que ainda faltavam mais dados para a minha pesquisa, resolvi realizar estudos de casos em uma escola pública.

O local escolhido foi a E.E.P.S.G. “Dom Jayme de Barros Câmara”, situada nas proximidades do centro de Sumaré. Escola de grande porte, que divide suas dependências (separadamente) com a Delegacia de Ensino e que possui cerca de 350 alunos nas séries iniciais no período vespertino, sendo três salas de CB I, CB II e 3º série e apenas uma sala de 4º série.

As turmas são grandes, aproximadamente 30 à 40 alunos por sala. A disposição nas salas é sempre igual, ou seja, carteiras enfileiradas e a mesa do professor à frente. A decoração da sala e a exposição dos trabalhos confeccionados pelos alunos é quase inexistente nas salas observadas.

A situação sócio-econômica dos alunos é de classe média-baixa, em que os mesmos provêm de vários pontos da cidade, não sendo somente das redondezas da escola.

Além das observações em sala, também entrevistei as professoras, analisando o contexto da sala e comparando com o que as mesmas relatavam.

Durante as aulas, tive o cuidado de apenas ser ouvinte, não querendo interferir no processo. Meu interesse estava principalmente voltado para o método e a postura utilizada pelas professoras e para o tipo de comportamentos demonstrados pelos alunos.

As entrevistas foram realizadas durante o intervalo, em dias diferentes aos das observações. Durante cada entrevista segui um rol de perguntas relacionadas às regras, metodologia e posturas utilizadas para conseguir disciplina. Através dos relatos das professoras, pude observar muita contradição entre o que elas respondiam e o que de fato acontecia em sala de aula.

Após análise dos dados coletados iniciei uma nova etapa, ou seja, a busca de subsídios teóricos para compreender e encontrar caminhos para a realidade disciplinar da escola.

X A priori, busquei nos clássicos de Hobbes e Rousseau o conceito de **Contrato**, que foi comparado com os pactos e as regras existentes entre os “atores” da escola (professores, alunos, diretores, etc.)

Esses atores, cada qual com sua linha de pensamento, definiram o contrato e sua importância para harmonia social e a disciplina.

Através de Canetti e Foucault foi possível examinar a questão da ordem, poder e disciplina rígida e cruel que se instalou na sociedade.

Canetti discute a essência da **Ordem**, a maneira como ela é imposta e obedecida pelos indivíduos.

Foucault, através de suas pesquisas em instituições penais, caracteriza a disciplina de uma maneira bem “fechada” e negativa. Ele acredita que o poder está instalado na

sociedade moderna, mais precisamente nas instituições penais e também em hospitais, escolas etc, e que o poder disciplinar provoca uma série de limitações ao indivíduo.

Para discussão acerca da autoridade, autoritarismo e licenciosidade, trabalho à luz das teorias de Paulo Freire e Robert Dottrens, que discutem sobre os problemas educacionais e refletem sobre a importância da autoridade e disciplina como suportes para o respeito mútuo, liberdade e aprendizagem.

Na terceira parte faço uma análise sobre: contratos, ordem, poder e disciplina, fazendo transposições para a sala de aula.

Na quarta e última parte do trabalho, coloco os dados da pesquisa, discuto e reflito sobre os mesmos, apontando alguns caminhos para reflexão.

II. DISCIPLINA E AUTORIDADE

1. Hobbes e Rousseau: Os Contratos

A instituição escola é um local movido por relações que envolvem todos os "atores" que nela estão engajados. Tanto os discentes como os docentes submetem-se a certas tarefas que lhes são determinadas ou impostas para poderem participar do meio no qual estão inseridos. Podemos considerar que as relações existentes entre esses "atores" estão muito ligadas a uma espécie de contrato informal que os regem em seu cotidiano.

Seguindo por essa linha, procurarei explicar à luz da teoria de alguns pensadores como ocorrem as situações de contrato, disciplina e autoridade na sociedade e nas instituições.

Os pensadores Thomas Hobbes (1588 - 1679) e Jean Jacques Rousseau (1712 - 1778) analisaram muito a questão do **Estado** e dos **Contratos**, cada qual seguindo propostas que embora tratassem do mesmo assunto, eram divergentes.

Ambos partiam da construção hipotética de um "Estado de Natureza", em que os homens ainda viviam isolados, isto é, antes de qualquer sociabilidade, quando desfrutava-se de todas as coisas e também de poderes ilimitados.

" (...) a liberdade que cada homem possui para usar seu próprio poder como quiser, para a preservação de sua própria natureza; isto é, de sua própria vida, e conseqüentemente, de fazer qualquer coisa conforme seu próprio juízo e razão e, além disso, de conceber os meios mais apropriados para tanto".

(Hobbes in Carnoy p.26)

O "Estado de Natureza" era visto de forma diferente por eles, pois enquanto para Rousseau o homem nesse estado era caracterizado pela posse de sentimentos naturais - "amor-de-si" e "piedade natural" - , Hobbes o caracterizava como essencialmente egoísta.

"(...) apesar das leis da natureza (que cada um respeita quando tem vontade de respeitá-las e quando podem fazê-lo com segurança), se não for instituído um poder suficientemente grande para nossa segurança, cada um confiará, e poderá legitimamente confiar, apenas em sua própria força e capacidade, como proteção contra todos os outros".

(Hobbes in Leviatã p. 80)

Apesar de Rousseau acreditar que o "Estado de Natureza" é algo melhor para o homem, ele admitia que a socialização era algo inevitável. Já para Hobbes, além de ser inevitável, ela era algo necessário.

“A situação dos homens deixados a si próprios é de anarquia, geradora de insegurança, angústia e medo.”

(Hobbes in Leviatã p. 84)

Para Hobbes o homem é um ser que precisa de pactos para viver socialmente, sempre necessitando de outra pessoa para sobreviver e realizar-se. Para convivência em sociedade, os homens deveriam abdicar de seus próprios direitos em favor de um soberano, que teria poder absoluto.

“Durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum capaz de os manter a todos em respeito, eles se encontram naquela condição a que se chama guerra; e uma guerra que é de todos os homens contra todos os homens.”

(Hobbes in Leviatã p. 83)

Se os homens tivessem a liberdade natural, isso resultaria em desordem e guerra, então deveriam sempre estar à mercê do soberano, em que este julgaria sobre o que é bom ou mau, justo ou injusto, e ninguém poderia discordar, pois tudo que ele faria era resultado do investimento da autoridade consentida por aqueles que eram submissos (súditos). Sendo assim, o soberano não poderia ser destituído, punido ou morto, pois ele teria o poder e poderia prescrever as leis, julgar, fazer a guerra e a paz, recompensar e punir, escolher seus conselheiros, censurar etc.

Jean Jacques Rousseau - como já foi mencionado - era contra os pensamentos extremamente autoritários de Hobbes. Escritor de livros instigantes, dentre eles Do Contrato Social, era dotado de idéias liberais e revolucionárias. Ele acreditava em uma sociedade diferente daquela proposta por Hobbes, desenvolvendo seu pensamento a partir da hipótese do homem em "Estado de Natureza". Procurava resolver a questão da legitimidade do poder nascido do contrato social, atribuindo ao povo a soberania inalienável.

"O homem nasceu livre, e em toda parte se encontra sob ferros".

(Rousseau p. 21)

Segundo Rousseau, o homem tem direito à liberdade porque nasceu livre e ninguém tem o direito de dominar outra pessoa, mesmo porque, todos são iguais perante a natureza humana. A ordem social é algo que foi estabelecido convencionalmente e deve ser um dever e um direito de todos.

Ele acreditava que Hobbes tratava os homens como seres diferentes uns dos outros, em que uns nasciam para serem soberanos, mandar, dominar e outros nasciam para serem vassalos, obedecendo como se fossem "animais".

Grotius, pensador abordado por Rousseau, acreditava que um homem ou todo um povo poderia alienar-se e tornar-se escravo de um senhor. De acordo com esse pensamento, o senhor (déspota) assegurava aos seus escravos a subsistência e a tranquilidade quando os mesmos se alienavam ou se vendiam. Na verdade, a subsistência era produzida pelos próprios

escravos através do trabalho, e as guerras que a ambição do déspota ocasionava, não significava tranqüilidade, mais sim, miséria.

“Renunciar à própria liberdade é o mesmo que renunciar à qualidade de homem, aos direitos da Humanidade, inclusive aos seus deveres”.

(Rousseau p. 26)

As pessoas que obedecem cegamente alguém que julga ser a “autoridade absoluta” estão anulando a si mesmas.

Para que os homens consigam sobreviver, precisam unir suas forças e agirem em comum acordo, ou seja, fazerem um pacto ou um contrato social.

“(…) como é impossível aos homens engendrar novas forças, mas apenas unir e dirigir as existentes, não lhes resta outro meio para se conservarem, senão formando por agregação, uma soma de forças que possa arrastá-los sobre a resistência, pô-los em movimento por um único móbil e fazê-los agir de comum acordo.”

(Rousseau p. 30)

Para Rousseau, o contrato só é legítimo quando tem o consentimento unânime de todos que participam do pacto. Pelo pacto o homem abdica de sua liberdade, mas sendo ele

próprio parte integrante do todo social que institui a lei, a obediência a essa é a obediência a si mesmo.

De acordo com a teoria rousсенiana a soberania não deveria ser de poucos, mas do povo como um todo. A soberania do povo manifestada através do legislativo era inalienável, ou seja, ela não poderia ser representada. Ele preconizava uma democracia participativa e direta, em que a soberania do povo deveria ser mantida através de assembleias frequentes onde os cidadãos participariam sempre. ✓

O reconhecimento do homem como ser superior capaz de ter autonomia e liberdade é o cerne do pensamento deste autor. Para ele o homem é livre na medida em que dá o livre consentimento à lei, como válida e necessária.

2. Foucault e Canetti : Poder e Ordem

A partir das obras de Michel Foucault é possível observarmos a questão da disciplina e do poder que são instalados nas instituições da sociedade moderna.

Ele trata especificamente de instituições penais, mas também abrange as escolas e outras instituições que utilizam o poder, o controle minucioso do corpo e da vida dos indivíduos.

O poder disciplinar moderno nasceu no século XIX com o desaparecimento dos suplicios entre 1830 e 1848. Antes as punições eram corporais, através do sofrimento físico, agora a pessoa é dominada através de pressões sobre seu intelecto, vontade etc, e no lugar dos carrascos, aparece uma tecnologia nova de controle realizada por guardas, médicos, psicólogos, educadores etc.

“(...) em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações.”
(Foucault p. 126)

Através do controle do corpo é possível exercer sobre ele uma coerção sem folga, mantê-lo mecanicamente e manipular seus movimentos, gestos, atitudes e rapidez.

“Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as disciplinas.”
(Foucault p.126)

A disciplina tem o poder de fabricar corpos submissos e dóceis, como se o corpo humano fosse algo construído para executar determinadas tarefas impostas por aqueles que o domina.

“É dócil um corpo que pode ser submetido, que pode ser utilizado, que pode ser transformado e aperfeiçoado.”
(Foucault p.126)

Segundo Foucault, na essência de todos os sistemas disciplinares funciona um pequeno mecanismo penal. A disciplina estabelece uma “infra-penalidade”, quadricula um espaço deixado vazio pelas leis, qualificam e reprimem determinados comportamentos.

“A disciplina funciona como repressora, promovendo uma micropenalidade do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas, de zelo), da maneira de ser (grosseria, desobediência), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo

*(atitudes incorretas, gestos não conformes,
sujeira), da sexualidade (imodéstia, indecência)."*

(Foucault p. 159)

Através da obra *Massa e Poder* de Elias Canetti, podemos observar no capítulo sobre : A Ordem, muitas coisas ligadas a questão da disciplina e de como ela é sem “sombra de dúvida”, um fator conseguido pela ordem em sala de aula.

“ Uma ordem é uma ordem.”

(Canetti p.337)

A ordem é aceita e obedecida como algo natural pelas pessoas, como se ela sempre existisse da mesma maneira. Muitos nem se perguntam o que é ordem, somente a obedecem cegamente.

Desde cedo as crianças a conhecem e ela faz parte daquilo que chamamos educação. Na vida adulta sempre a encontramos em tudo que realizamos: trabalho, religião, etc.

Segundo Canetti, a forma mais antiga do efeito de uma ordem é a “fuga”. Quando dois seres se relacionam e apresentam uma diversidade de comportamentos, em que um deles apenas dá a entender que quer “devorar” o outro, então ocorre a seriedade mortal da “fuga”. A ordem obriga o ser mais fraco a colocar-se em movimento, sendo ele perseguido logo em seguida ou não.

A ordem é algo que vem de fora, que a pessoa adquire socialmente. Ela pertence aos elementos da vida que são impostos: ninguém os desenvolve de si mesmo. Mesmo que as regras forem combinadas entre um grupo, elas não deixam de ser impostas, pois fazem parte de um rol de convenções determinadas há muitos séculos.

“O poder emite ordens como uma nuvem de flechas mágicas: as vítimas que são atingidas por elas se oferecem ao todo - poderoso, tocadas e conduzidas por essas flechas”.
(Canetti p.339)

As crianças são os receptores de ordens mais afetados. Elas sofrem os mandos e desmandos de seus educadores e guardam as ordens com as quais foram mal tratadas. É comum que mesmo sofrendo com as ordens e com a crueldade de seus educadores, elas venham tomar as mesmas posturas quando tiverem seus próprios filhos, transmitindo tudo que lhes foi passado como se fosse algo natural, ou melhor, como um círculo vicioso.

“É mais fácil que se modifique o aspecto de um homem, as características pelas quais os outros o reconhecem - a postura da cabeça, a expressão da boca, o modo de olhar -, do que a imagem da ordem que permaneceu dentro dele como um agulhão e que foi armazenada de maneira inalterável”.
(Canetti p. 339)

Na citação acima podemos concluir que uma pessoa pode modificar toda parte exterior de seu corpo, mas não pode mudar ou esquecer as ordens que lhe foram inculcadas em seu interior e em sua mente. As ordens deixam cicatrizes na “alma”, que jamais serão esquecidas.

Apesar de ser impossível esquecer uma ordem, Canetti acredita que algumas vezes as ordens podem ser expulsas, mas para que isso ocorra, a pessoa deve ter oportunidade através da vivência de uma situação semelhante àquela com que a ordem foi internalizada, mas agora, de maneira inversa, ou seja, através de incentivos dados para que ela consiga alcançar aquilo que quer e assim se desfazer de ordens recebidas no passado. A pessoa necessitará de uma auto-valorização, de uma motivação vinda de outras pessoa, que a encoraje a seguir a vida sem aquelas ordens impostas.

3. Freire e Dottrens : Autoridade

Paulo Freire, autor reconhecido pelos seus belos trabalhos sobre educação, discute o “ser professor” e questões relevantes ao cotidiano em várias de suas obras.

Segundo ele, sem a presença de disciplina em sala de aula, não existe um trabalho intelectual sério, criativo e permeado de aprendizagem.

“A disciplina no ato de ler, escrever e ler, no de ensinar e aprender, no processo prazeroso mas difícil de conhecer ...”

(Freire p.117)

Disciplina para ele não é algo que se constrói através do imobilismo, do autoritarismo e da licenciosidade, mas é algo que está na busca da liberdade com autoridade, na noção de limites e no respeito mútuo entre as pessoas.

“Não há disciplina no imobilismo, na autoridade indiferente, distante, que entrega à liberdade os destinos de si mesma. Na autoridade que se demite em nome do respeito à liberdade”.

(Freire, p.115)

Freire analisa as posturas desempenhadas pelos professores, classificando-as em : autoritária, licenciosa e com autoridade.

O autoritário seria um ser arrogante que age como um “todo poderoso” que tem a sua própria palavra como a última, é aquele que “sabe tudo” e vai incutir o saber na mente de seus alunos ignorantes. A postura desse professor é sectária ou intolerável, e a sua verdade, que necessariamente é imposta aos demais, é considerada pelo mesmo, como única.

*“... O seu saber é “iluminador” da “obscuridade”
ou da ignorância dos outros que por isso mesmo
devem estar submetidos ao saber e a arrogância
do autoritário ou da autoritária.”*

(Freire p. 56)

De acordo com Freire o autoritarismo dos pais ou dos professores pode ocasionar nos filhos ou alunos, ora posições rebeldes, refratárias a quaisquer limites, disciplina ou autoridade, mas também apatia, obediência exagerada, obediência sem crítica ou resistência ao discurso do autoritário, renúncia a si mesmo, medo à liberdade.

A postura licenciada é aquela que o professor acredita ser um espontaneísta e que, inclinando-se para a liberdade sem freios, termina por trabalhar contra ela. A licenciada possui um ambiente onde existe o “vale tudo” que acaba reforçando posições autoritárias. O professor que opta por esse tipo de trabalho é alguém que possui neutralidade, ou melhor, é aquele que não é totalmente liberal e nem possui autoridade, ele está “em cima do muro”.

"(...) é anfíbio - vive na água e na terra - não tem inteireza, não se define consistentemente pela liberdade e nem pela autoridade."

(Freire p.86)

O educador que possui uma postura de autoridade é bem diferente daquele que é autoritário ou licencioso. Autoridade é uma forma de trabalhar a disciplina e a liberdade de forma adequada. Ela é uma posição ética que necessita de seriedade e coerência.

Através dela necessitamos colocar alguns parâmetros para que os alunos compreendam os seus deveres e limites dentro da escola. Na autoridade a palavra do professor não é a última.

Para Dottrens, no seu sentido geral:

" (...) a autoridade é uma superioridade que se possui ou que nos é concebida por meio da qual detém-se um ou mais poderes que permitem que atuemos sobre outrem."

A palavra "autoridade" deriva do latim: autor, augescere: o que é o autor, e tutor, o que aconselha, que ajuda a crescer, a desenvolver-se. (Dottrens p. 33)

Segundo Dottrens ter autoridade é ajudar o crescimento do ser humano em curso de desenvolvimento, para fazer com que os conhecimentos sejam adquiridos, que os hábitos

sejam transmitidos, para dirigir rumo a um ideal e ajudar o educando a tomar consciência da orientação que deve imprimir à sua vida.

" A autoridade, depende também da saúde, do temperamento, do caráter, do casamento ou do celibato; da presença: vestimentas, maneira de andar, gestos e atitudes; da facilidade de contato; da capacidade de suscitar simpatia. É ainda seguramente, função do valor profissional e das qualidades inerentes ao ofício de cada um: precisão e pontualidade, conhecimento exato da tarefa a ser desempenhada, organização e preparação minuciosa do seu trabalho, ordem e método, ensino vivo bem adaptado aos alunos, conhecimento aprofundado destes e de seu meio-ambiente familiar e social, natureza das relações que os vinculam aos seus colegas e aos seus líderes, da atmosfera geral da escola."

(Dottrens p. 36).

Na citação acima, Dottrens coloca uma série de quesitos que um professor com autoridade e organização necessita ter para conseguir a disciplina de seus alunos. Ele também coloca que a autoridade depende muito do comportamento, do "estado de espírito" e do tipo de "vida" que o professor leva. É sabido que muitos docentes não possuem muitos desses quesitos e não conseguem ter autoridade sobre seus alunos.

Este autor ainda acredita que a autoridade resulta de qualidades pessoais de ordem afetiva e moral: equilíbrio mental, domínio de si mesmo, igualdade de temperamento, perseverança no esforço, desejo de aperfeiçoamento, espírito público, amor às crianças.

O professor precisa ter autoridade moral e afetiva para ser um profissional que cative e que tenha prestígio perante seus alunos. Um docente sem prestígio, sem autoridade moral que se desprende da sua pessoa e da maneira porque ele concebe as suas atividades profissionais, não passa de um instrutor tolerado ou não pelos seus alunos.

*“ A criança, com um instinto bem seguro,
sabe distinguir a verdadeira autoridade que
se exprime pela calma e pela sinceridade da
falsa autoridade do mestre incapaz.”*

(Dottrens p. 37)

As crianças são muito mais "espertas" do que imaginamos. Elas são capazes de sentir quando um professor está seguro ou não, e também quando ele está sendo sincero ou falso. Basta apenas um dia de aula para elas identificarem como o docente comporta-se diante delas. Quando um aluno percebe que o professor está seguro e é sincero, ele testa-o para ver até onde ou até quando isso vai e da mesma forma em situação oposta. O docente quando exerce sua função inseguro, não consegue dominar os alunos, provocando uma série de comportamentos indisciplinados.

III. DISCIPLINA E AUTORIDADE NA SALA DE AULA

1. A sala de aula e as teorias abordadas

Neste capítulo, pretendo ater-me em discutir a realidade em sala de aula à luz das teorias abordadas no capítulo anterior. As transposições serão realizadas de acordo com os pensamentos dos autores, mas com meus comentários e ressalvas sobre a realidade escolar.

"O acordo vigente entre essas criaturas [abelhas e formigas] é natural, ao passo que o dos homens surge apenas através de um pacto, isto é, artificialmente. Portanto não é de admirar que seja necessária alguma coisa mais, além de um pacto para tornar constante e duradouro seu acordo; ou seja, um poder comum que os mantenha em seu respeito, e que, dirija suas ações no sentido do benefício comum."
(Hobbes in Leviatã p. 109)

Na citação acima, Hobbes coloca que o pacto ou contrato existente entre os homens é algo necessário e também artificial, mas não é suficiente. Para que os homens vivessem bem em sociedade, seria necessário atribuir o poder a um soberano, sendo que este proporcionaria o respeito, a paz, enfim, o benefício para todos os seus súditos.

Ao observarmos o âmbito escolar, encontramos os pactos feitos entre professores e alunos, professor e diretor, etc. Estes pactos são realizados para manterem a ordem da instituição dentro de moldes autoritários. Encontramos aqui dois “soberanos”, que ocupam tais posições dependendo com quais pessoas estejam relacionando-se em determinado momento, sendo o professor o “soberano” dos alunos e o diretor “soberano” dos professores. O único que aparece sempre como “súdito” é o aluno, tendo que submeter-se às regras impostas pelo professor ou pela escola.

É possível constatararmos que em sala de aula existem os pactos feitos entre professor e aluno, em que eles fazem uma espécie de "contrato" combinando as regras do jogo. Na maioria das vezes o docente determina as normas a serem cumpridas no contrato, colocando as regras, as tarefas que devem fazer e os comportamentos que jamais deverão ter em sala de aula.

O docente pode não conseguir ser o soberano perante seus alunos, criando uma situação de “guerra” em sua sala, em que os mesmos o desrespeitam pelo fato dele não deixar explícitas as regras. Exemplos: o docente **licencioso** - que permite a liberdade total, provocando a indisciplina e o **autoritário sem autoridade** - que mesmo tendo uma postura autoritária não possui o controle da situação em sala.

O professor também possui um contrato com o diretor, ou de maneira mais ampla, com o Estado. Ele muitas vezes abre mão de uma prática inovadora porque fez um pacto com a instituição e necessita cumprir o programa e passar todo o conteúdo a seus alunos. O importante para o docente nessa situação é a transmissão de toda a matéria, mesmo que esta

não esteja agradando os alunos, nem mesmo preparando-os para a vida de forma crítica e de acordo com o contexto no qual estão inseridos.

Um outro fato que podemos chamar atenção, são os interesses da classe burguesa que predominam na ideologia do Estado, e portanto, permanecem na instituição escolar. O Estado surge de um contrato com a burguesia, sendo que esta possui uma visão individualista, em que seu pacto visa garantir os seus interesses e a conservação de suas "propriedades". Neste caso, a escola tem o papel de reproduzir o sistema, fazendo com que o professor e alunos compartilhem de um "pacto de mediocridade", em que uns fingem que ensinam e outros fingem que aprendem.

Se examinarmos cada passagem sobre o **Contrato Social** de Rousseau, poderemos comparar cada detalhe com o que ocorre em sala de aula e fazermos uma analogia entre grupos sociais e grupos de alunos.

Se Rousseau acreditava que o homem deveria ser livre porque assim nasceu, em contrapartida, o aluno também deve ser uma pessoa "livre". "Livre" em termos, pois o aluno não pode fazer o que bem quer, atrapalhando o andamento da sala e provocar conflitos. Os alunos devem ter liberdade de expressão, e juntamente com o professor, devem estabelecer as regras a serem executadas pelo grupo, como se fosse um pacto social.

O professor de maneira alguma deve julgar-se o soberano, que possui o poder absoluto sobre os seus alunos, e nem estes devem obedecer cegamente os mandos e desmandos de um docente autoritário.

No contrato social, cada associado abdica-se totalmente, ou seja, abre mão de todos os seus direitos em favor da comunidade.

Para que haja disciplina e aprendizagem em sala é necessário que os alunos estejam em comum acordo com as regras feitas por eles mesmos.

O aluno muitas vezes abdica de sua própria liberdade individual em respeito ao professor, em benefício dele mesmo e de seus colegas. Neste caso, o aluno está consciente de seus limites, pois tudo foi combinado antecipadamente e em comum acordo entre todos, para o bom andamento das aulas.

Em muitos casos o docente não permite que seus alunos participem das “leis” estabelecidas em sala, pois ele mesmo é quem dita as normas. Mesmo o aluno querendo uma certa liberdade para expressar seus sentimentos e atividades mais ligadas ao seu contexto, ele não consegue, pois somente encontra na maioria dos professores - o autoritarismo. A partir disso, podemos encontrar alunos revoltados ou humilhados com as ordens do docente, ocorrendo muitas vezes a apatia, a obediência sem limites e a rebeldia, dependendo de cada aluno. O discente muitas vezes se vê obrigado a obedecer as normas, pois necessita passar de ano.

“Aquele que recusar obedecer a “vontade geral” a tanto será constrangido por todo um corpo, o que não significa senão que o forçarão a ser livre, pois é essa a condição que, entregando cada cidadão a prática, o garante contra qualquer dependência pessoal.”

(Rousseau in Do Contrato Social p. 89)

Para muitos professores os alunos que fogem às regras são aqueles considerados indisciplinados ou apáticos, e muitas vezes eles são eliminados de várias maneiras: pela expulsão, reprovação, evasão, etc. Aqueles que não aceitam o contrato feito de uma maneira democrática pela “vontade geral”, ou mesmo autoritária (pelo professor), podem considerar-se excluídos da escola.

Mas o que é “vontade geral” ?

Em um primeiro momento podemos julgá-la como algo impossível, mas segundo Rousseau, o homem pertence ao espaço público e faz parte de um corpo coletivo que tem interesses em comum, expressos pela “vontade geral”. Isso não significa que vamos pegar cada interesse particular da pessoa privada e tentar atender seus desejos, pois isso seria algo irrealizável. O que o autor nos cobra é uma vontade que venha ao encontro dos interesses da necessidade de um povo.

“O interesse comum não é o interesse de todos, mas o de cada um enquanto componentes do corpo coletivo e exclusivamente esta qualidade. Daí o perigo de predominar o interesse da maioria, pois se é sempre possível conseguir-se a concordância dos interesses privados de um grande número, nem por isso assim se estará atendendo ao interesse comum.”

(Rousseau in Do Contrato Social p. 63)

O que observamos em sala de aula, às vezes pode ser considerado vontade geral e às vezes não. Quando o professor faz o papel de mediador, somente auxilia na formulação das regras em conjunto com os alunos, aí encontramos a vontade geral, mas se a regra é estabelecida pela vontade particular do docente, em que esse utiliza o autoritarismo, então isso não faz parte de todos na sala. É bom lembrarmos também que o professor não deve ser licencioso, deixando que cada aluno imponha seu desejo, pois assim, ocorrerá em sala uma série de conflitos que levarão à indisciplina e à liberdade sem freios.

É através do livro Emílio que Rousseau constrói sua idéia sobre educação de uma maneira natural, sem a intervenção da sociedade. Em uma das passagens dessa obra, encontramos o pacto entre discípulo e governante.

Entre Rousseau (governante) e Emílio (discípulo), existe um pacto, segundo o qual o discípulo deve obedecer somente ao seu governante, já que este julga-se com todos os direitos e deveres.

A aceitação incondicional por parte do aluno é o elemento que transforma o que poderia caracterizar um ato de submissão num ato de liberdade, uma vez que sou livre quando submeto-me a lei que eu próprio me dou.

Emílio segue a marcha da natureza, mantendo-se na estabilidade que a dependência das coisas lhe conferem, longe de submeter-se as ordens do governante e amigo.

Para Rousseau, o papel da educação é o de dar estímulos de impulsão no processo de desenvolvimento do homem. A construção do homem depende de fatores internos e externos.

Ele constrói o seu livro reivindicando a autonomia da criança que permite realizar o que pode, em vez dos adultos fazerem por ela. Acredita que o período do nascimento até os doze anos é o que necessita de mais atenção, pois neste período é que surgem os erros e os vícios, sem que possa erradicá-los, pois para tanto, seria necessária a razão, a qual as crianças ainda não possuem. Ele sugere a educação negativa, a qual consiste não em ensinar a virtude ou a verdade, mas em preservar o coração do vício e o espírito do erro, educação que tende a aperfeiçoar os órgãos, instrumentos de nosso conhecimento que prepara a reação pelos exercícios do sentido.

A educação negativa deve basear-se na observação do aluno. O educador deve conhecer tanto as características gerais da infância, bem como as peculiaridades de cada criança, não para, através disso, mudar ou coagir, mas para formar e aperfeiçoar.

Para o trabalho do adulto em relação a educação natural das crianças, Rousseau estabeleceu quatro máximas importante que são baseadas em:

- Proporcionar "liberdade regrada (sensata)";
- Atender às necessidades, porque são naturais;
- Ignorar os desejos, porque são frutos da opinião e
- Entender a linguagem e os sinais da criança para descobrir os sentimentos que estão por trás.

Segundo Foucault, a escola é um local que compartimentaliza os indivíduos e os organiza em fileiras. Tudo é muito hierarquizado e repartido dentro da ordem escolar, em existem filas de alunos na sala, corredores, pátios; alinhamento das classes por idade uma depois das outras; sucessão dos assuntos ensinados, das questões tratadas segundo uma ordem de dificuldade crescente.

“A disciplina, arte de dispor em fila, e da técnica para a transformação dos arranjos. Ela individualiza os corpos por uma localização que não os implantam, mas os distribuem e os faz circular numa rede de relações.”

(Foucault p. 133)

Dentro das obrigatoriedades impostas pela escola, muitos alunos revoltam-se, não conseguindo tanto êxito ou tornando-se indivíduos apáticos.

Na escola o tempo é controlado através das atividades compartimentalizadas em horários, como por exemplo: hora da entrada, oração, cabeçalho, primeira lousa, segunda lousa, aula de português, matemática, educação física, etc. Através do controle cronometrado do tempo é possível também dominar o corpo e os atos dos alunos.

“(...) procura-se também garantir a qualidade do tempo empregado: controle ininterrupto, anulação de tudo que possa perturbar e distrair. Trata-se de constituir um tempo integralmente útil.” *(Foucault p. 137)*

A ocupação dos alunos em atividades uma após a outra, sem intervalo é uma estratégia utilizada para manter os alunos o tempo todo ocupados, evitando que os mesmos se dispersem em conversas, indisciplina, etc.

“Um corpo disciplinado é a base de um gesto eficiente”.

(Foucault p. 139)

Na frase acima Foucault mostra-nos que em muitas instituições, bem como nas escolas, muitas pessoas acreditam que para ser eficiente em tudo que se faz, é necessário ter disciplina.

As pessoas devem ter disciplina, mas essa não deve ser conseguida através de atos autoritários, repressivos ou ameaçadores, mas sim, construída dentro de um acordo mútuo entre alunos e professor.

O docente não deve fazer com que seus alunos tornem-se autômatos, manipulando-os e adestrando-os para realizar e pensar o que ele permite ou deseja, pois assim fariam deles indivíduos heterônomos, incapazes de pensarem por si mesmos, de criarem coisas novas, etc.

“A colocação em “série” das atividades sucessivas permite todo um investimento da duração pelo poder: possibilidade de um controle detalhado e de uma intervenção pontual (de diferenciação, de correção, castigo,

de eliminação) a cada momento do tempo..."

(Foucault p. 144)

Em uma sala de aula é impossível encontrarmos alunos com o mesmo grau de desenvolvimento, pois cada qual tem seu ritmo, dificuldades ou habilidades. Se o professor trabalhar como expressa a frase acima, muitos alunos se perderão no meio do processo, manifestando comportamentos de indisciplina, apatia, etc. Dentro disso, o docente poderá tomar diversas posturas errôneas, tais como: comparar os alunos entre si de acordo com o grau de aprendizagem, castigar os alunos rebeldes, reprovar aqueles que possuem dificuldades de compreensão ou aqueles que são apáticos etc.

"Walhausen, bem no início do século XVII

falava da "correta disciplina", como uma arte do "bom adestramento". O poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior "adestrar"; ou sem dúvida adestrar para retirar e se apropriar ainda mais e melhor".

(Foucault p. 153)

Na escola a disciplina é exigida de várias maneiras: exemplos: tempo - horário rígido para entrada, número limitado de faltas; atividade - atenção, capricho etc; maneira de ser - obediência; discurso - ficar em silêncio; corpo - permanecer sentado, com boa postura, com boas maneiras etc; sexualidade - evitar falar sobre o assunto etc. Caso as ordens determinadas pela escola não forem obedecidas, o professor ou diretor poderá aplicar "micropenalidades",

ou seja, punições, tais como : castigos, advertências, suspensão e reprovação, dependendo da gravidade do caso.

Podemos comparar a situação acima com a de alguns alunos e professores. Muitos alunos imaginam que o professor está ali para “ devorar ”, ou seja, discriminar, mandar, criticar, reprovar, etc. Dentro disso, muitos alunos não conseguem prosseguir seus estudos e evadem.

Muitas vezes a situação ocorre de outra forma - os alunos indisciplinados são obrigados à fuga caso não obedeçam as regras estabelecidas para a boa convivência em sala de aula. Neste caso os relacionamentos entre alunos e professor ou entre aluno e aluno, apresentam diversidade, ou seja, a indisciplina provoca um conflito entre dois ou mais indivíduos, resultando na “ fuga ”, ou suspensão do mais “ fraco ”.

A ordem provoca uma ação: “ um dedo apontado numa determinada direção pode ter o efeito de uma ordem-todos os olhos percebem esse dedo e viram na direção indicada.”

(Canetti p.338)

O professor é aquele que determina, que dita as regras, que dá as ordens, não possibilitando que seus alunos participem da elaboração das regras, fazendo com que os mesmos tornem-se indivíduos anuentes indisciplinados ou agressivos. A falta de integração e participação dos alunos na aula é algo que provoca corpos dóceis, obedientes ou em alguns casos, corpos e mentes em conflito, em fuga.

A ordem não admite réplica, ela não deve ser contestada ou colocada em dúvida. Ela deve ser clara e entendida imediatamente, pois se isso não ocorrer, ela perde sua força e pode tornar-se impotente.

É possível encontrarmos professores que não mostram autoridade perante seus alunos, mostrando através de sua fala e atos - imprecisão. Esse tipo de docente não consegue ter domínio em sala, fazer-se claro, determinar ou fazer valer as regras estabelecidas. Um professor licencioso é um exemplo de pessoa impotente no que diz respeito a organização e comportamentos dos alunos em todos os sentidos. Sendo ele alguém muito permissivo, não consegue dar um “norte” para seus alunos.

Como já foi comentado, as crianças são as receptoras de ordens mais afetadas, elas sofrem com os mandos e desmandos de seus professores e guardam as ordens com as quais foram mal tratadas. Os alunos podem esquecer muitas coisas, mas as ordens que receberam de forma cruel e marcante, nunca esquecerão.

Atualmente muitos professores mostram-se indecisos na sala de aula, não sabendo direito que postura tomar frente aos alunos. Existem aqueles que optam por serem autoritários porque acreditam que através dessa forma irão conseguir disciplinar seus alunos, colocando medo, impondo seu saber como verdadeiro etc.

Podemos também encontrar professores licenciosos, ou seja, aqueles que dão excesso de liberdade aos alunos, apostam na auto-educação e acabam não assumindo seus verdadeiros papéis de educadores.

“(...) a autoridade que se hipertrofia em autoritarismo ou se atrofia em licenciosidade, perdendo o sentido de movimento, se perde a si mesma e ameaça a liberdade.”

(Freire p. 116)

Será que o professor autoritário ou licencioso consegue a disciplina e a aprendizagem de seus alunos ?

É muito difícil afirmarmos qualquer coisa, mas acredito que a disciplina e a aprendizagem tornam-se muito restritas nos dois casos.

No primeiro caso, o autoritarismo do professor o transforma em um ditador de normas de conduta rígidas que visam a obediência dos alunos por coação. Ele muitas vezes não dá liberdade aos alunos para: exporem suas idéias, desenvolverem sua autonomia, o senso crítico, a criatividade etc. A licenciosidade do docente transforma suas aulas em algo sem direção, sem objetivos concretos, que levam-no à desvalorização e à desmotivação dos alunos.

“ Se a educação for excessivamente rígida, teremos a mentira, a hipocrisia. Se for liberal demais, teremos o tédio, a falta de motivação, o cinismo, a insegurança.”

(Revista Educação, março/88 p. 06)

A disciplina é indispensável para se realizar trabalhos significativos, mas esta, não pode ser conseguida através da imposição e do imobilismo, pois isso resultaria em uma obediência castradora.

O professor deve estar aberto à realidade contextual de seus alunos para melhor compreendê-los, para melhor exercer sua atividade docente, mas também, disposto a prender através de suas relações com o contexto concreto.

É necessário que se tenha segurança quando se pretende ser educador, para que isso ocorra, deve-se ter competência científica, clareza política e integridade ética.

“ O processo de ensinar, que implica o de educar e vice-versa, envolve a “paixão de conhecer” que nos insere numa busca prazerosa, ainda que nada fácil.”

(Freire p. 11)

O processo de aprendizagem é um caminho infinito, e para que possamos entrar nele, necessitamos de “aventura” e “ousadia”, mas também, noções de limite, para que nosso trabalho não acabe virando uma irresponsabilidade licenciosa.

Ainda nos deparamos nas salas de aula com posições tradicionais ou arcaicas desempenhadas pelos professores, seguidas pelo autoritarismo exacerbado. Existem aqueles que mesmo observando que tudo passa É que cada vez mais o mundo se modifica, ainda persistem em utilizar seus métodos ultrapassados.

“ Como é concebível que pessoas inteligentes, cultas, com senso de suas responsabilidades, sejam, ao mesmo tempo surdas e cegas ? Engenheiros e médicos, que se comportassem como os professores, ou seja, que ignorassem a evolução de suas condições e de seus meios de trabalho, que se satisfizessem com o equipamento e o instrumental com os quais iniciaram sua carreira, que continuassem, uns a fabricar produtos e objetos que a evolução técnica tornou inúteis, (...) pessoas assim seriam eliminadas rapidamente. ”

(Dotrens p. 18)

Podemos concluir que tanto Hobbes como Rousseau possuem uma certa visão sobre o contrato, mas que ambos acreditam que o indivíduo devem respeitar o pacto realizado com outras pessoas tanto para visar seu próprio bem, como para proporcionar a harmonia social. Mesmo Rousseau tendo uma visão bem liberal a respeito da educação e acreditar que a criança não deve ser submissa, ele também preconiza que o processo educativo deve ser conduzido pelo governante, nunca pelo aluno.

Fica bem nítido que tanto um pensador como o outro acredita na disciplina como algo necessário para obtermos ordem e aprendizagem. Hobbes através de sua teoria transmite-nos uma visão mais autoritária em que o súdito fica submisso ao soberano e no caso de Rousseau, a liberdade deve ser permeada pelo respeito mútuo entre governante e discípulo.

Foucault caracteriza a escola como instituição disciplinar e autoritária, que reprime e determina minuciosamente todos os atos dos alunos.

Canetti, mesmo não trabalhando especificamente com a escola, fala sobre as ordens que as crianças recebem desde cedo. Dentro de sua teoria sobre a ordem foi possível fazer muitas transposições para o âmbito escolar e concluir que o autoritarismo expresso através de ordens, ainda se encontra presente nas salas de aulas e muitos alunos as obedecem como se fosse a coisa mais natural.

À luz da teoria de Freire nos foi possível enveredarmos pelos caminhos da sala de aula, observando as posturas desempenhadas pelos professores. Para ele o docente deve ter segurança, autoridade, dar liberdade para a criação e estabelecer os limites dentro de acordos mútuos.

Dotrens acredita que o professor necessita inovar para não ficar parado no tempo, e também deve ter autoridade para conseguir a disciplina de seus alunos.

IV. PESQUISA DE CAMPO

A heterogeneidade de comportamentos estão presentes na escola devido a uma série de fatores que permeiam a sociedade brasileira. Nesse contexto situa-se a problemática da disciplina, em que a falta de regras, limites e valores fazem parte da vida de muitas crianças, devido a desestruturação dos meios sociais em que elas estão inseridas, dentre eles encontramos: a família, a escola, os colegas etc, que influenciam e provocam comportamentos indesejados.

O que foi supra-citado faz parte de minhas percepções e experiências enquanto professora I atuante em escolas públicas (estadual e municipal) e também derivadas de observações realizadas durante meu estágio nas séries iniciais no curso de pedagogia.

Em minha trajetória como professora e estudante, percebi que os docentes parecem despreparados para lidar com tantos problemas que atingem os alunos, sendo assim, muitos deles tomam posições exacerbadas e inseqüentes, que muitas vezes podem levar à desordem ou em outros casos, à apatia comprometendo o processo de aprendizagem e portanto, levando a uma série de conseqüências, tais como: evasão, repetência, desajustes, etc.

Partindo do pressuposto que ainda faltavam muitos dados a respeito da questão disciplinar, resolvi realizar estudos de casos dentro das salas de aula, buscando o real para

confrontá-lo com a teoria. Foi assim que resolvi iniciar uma pesquisa nas séries iniciais de uma escola pública (estadual).

Realizei visitas à escola, fiz observações em sala e entrevistas com as professoras das salas observadas.

Durante as observações, meu interesse voltou-se para os comportamentos dos alunos e as posturas utilizadas pelas professoras. Nas entrevistas com as docentes, procurei fazer várias perguntas que permitissem conhecer mais sobre a dinâmica de aula desde o início do ano (metodologia, postura, etc.) e também de suas percepções quanto a disciplina, apatia e aprendizagem de seus alunos.

Quando a elas foi perguntado a respeito da importância ou não de regras, elas foram quase unânimes em enfatizar a sua importância, declarando que as "regras" são essenciais para que os alunos compreendam os seus limites e respeitem seus colegas, a própria professora e outros adultos.

"... as regras são importantes porque através delas eles me respeitam, respeitam seus colegas, se interessam pelas aulas, melhorando a aprendizagem."

(professora da 3ª série A)

"(...) a partir delas os alunos souberam seus limites e a nossa convivência se tornou melhor."

(professora do CB I A)

"(...)a maneira como são combinadas as regras é muito importante, porque é a partir disso que a criança respeitará ou não a outra pessoa."

(professora do CB II A)

"Elas permitem que as atividades sejam mais organizadas e proveitosas".

(professoara do CB II B)

"Foram importantes porque quando as crianças não respeitavam, eu estava sempre lembrando o que elas mesmas haviam dito sobre as regras".

(professora do CB I B)

Na escola existiam professoras que não compreendiam muito bem o que são regras e acabavam achando que não as utilizavam, mas na verdade faziam uso delas mesmo sem saber.

Isso fica claro na fala de uma professora:

"(...) eu não acredito muito em regras, acredito que isso não funciona muito porque a criança sente-se obrigada e acaba não aceitando. Eu converso com meus alunos sobre como eles devem agir dentro da sala de aula, não exatamente regras."

(professora do CB II C)

Ao perguntar se as regras eram impostas ou combinadas elas de uma maneira geral falaram que eram combinadas com os alunos, mas durante as observações feitas na sala e a partir das regras mencionadas por elas mesmas, pude constatar que elas são em sua maioria, impostas pela professora.

"(...) as regras são diversas: prestar atenção quando o professor falar, respeitar e colaborar com os colegas. falar baixo, não faltar das aulas, ter cuidado com o material escolar, não sujar a classe, ajudar o colega quando ele pedir ajuda."

(professora do CB I A)

" As regras que expus foram: não conversar durante a aula, levantar a mão antes de falar, fazer as tarefas de casa (quem não trouxer fica com negativo), não brigar, (caso as regras forem desobedecidas os pais devem comparecer à escola."

(professora da 3ª série B)

"(...) formar a fila corretamente para entrada, recreio e saída, sentar com postura correta, falar um aluno de cada vez, ir ao sanitário uma vez antes do recreio, obedecer outras professoras, funcionários, serventes e estagiárias da escola."

(professora do CB II A)

“(...) respeitar os colegas, ter hora certa para conversa e para fazer lição, comportar-se bem na sala e na fila, ter letra legível, caderno bem organizado, ter higiene corporal.

(professora da 4ª série A)

“Conservarem-se sentados; não sair para o banheiro e nem para tomar água durante as explicações; não interromper a “história”. Respeitar as atividades dos colegas e evitar conversas paralelas”.

(professora do CB I B)

“(...) na hora da professora falar é silêncio. Mão debaixo da mesa enquanto espera outra atividade. Não conversar na hora dos trabalhos; não bater nos coleguinhas e não gritar na classe”.

(professora do CB I C)

“... não falar todos ao mesmo tempo; ouvir os colegas e a professora; respeitar os colegas e a professora; não falar palavrões; não agredir os colegas; cuidar e ter capricho com os materiais de classe, etc”.

(professora do CB II B)

Durante as visitas em sala observei que as regras não funcionam 100%, sendo que encontrei alguns alunos indisciplinados, que ainda não sabiam muito bem os seus limites. Muitos deles tentavam chamar a atenção da turma fazendo gracinhas com os colegas ou tentando provocar a professora.

Em um CB I os alunos pareciam ter medo da professora, sendo que quando ela saía um pouco da sala, eles aproveitavam para fazer algazarra, sair do lugar, conversar com os colegas - deixando de fazer a lição que a professora havia passado na lousa.

O método utilizado pela maioria das professoras parecia não cativar os alunos, em que eles faziam as atividades como uma obrigação e não como algo prazeroso. A utilização de livros didáticos, quadro-negro e aulas expositivas foram os únicos recursos utilizados pelas professoras durante as minhas observações.

Algumas docentes, apesar de usar somente o livro didático, procuravam envolver o aluno durante as aulas fazendo perguntas, mas a maioria, apenas passava a lição na lousa, ou ditava, explicando como deveria ser feito com o auxílio de exemplos (no caso dos exercícios) e depois faziam a correção.

Já nos foi possível observar que as regras são determinadas e impostas pelas professoras, e que elas ainda encontram muitas dificuldades com alunos que não respeitam, que mostram resistência, etc. Será que as regras são aceitas realmente ao serem colocadas aos alunos, ou são apenas impostas sem que os alunos compreendam o valor das mesmas? É dado aos alunos o espaço para eles mesmos fazerem regras?

O que foi notado durante as observações e entrevistas, é que a maioria das professoras não dão margem para os alunos participarem da elaboração das regras, porque elas são impostas unilateralmente, com a intenção de que eles devam obedecer porque aquilo é correto e verdadeiro.

A imposição de regras não é como um contrato que é realizado por ambas as partes, é apenas algo que uma das partes quer, e não algo combinado e bem definido dentro de um acordo mútuo.

Existe professoras que mesmo impondo as regras, conseguem uma certa disciplina em sala, pois elas possuem uma determinada postura que faz com que seus alunos sintam medo delas.

Durante uma entrevista teve uma professora que disse que seus alunos respeitam as regras porque ela conseguiu fazer com que eles compreendessem que para ter uma boa convivência em sala, seria necessário que todos respeitassem o que iria ser combinado. Em minhas observações na mesma sala pude notar que aquilo que ela declarou durante a entrevista era bem diferente do que ocorria em sala, pois ela era temida, sendo as regras impostas em voz alta, em que os alunos somente a respeitavam sob ameaça.

Em uma sala de 3ª série, somente a presença da professora bastava para que eles ficassem quietos. Ela parecia controlar os alunos somente com seu olhar frio e sério.

*"O relacionamento ameaçador que o professor estabelece com sua classe, o qual faz com que, diante de sua simples presença os alunos imediatamente se calem, pode ser um exemplo claro de que estes passam a emitir o comportamento desejado devido ao estímulo aversivo que o professor representa."
(Furlani p. 46)*

A ameaça, a chantagem, os castigos, são atitudes comuns entre as professoras para conseguirem disciplina quando algum aluno perturba o andamento das aulas.

*"(...) às vezes deixo sem recreio durante alguns dias e quando o caso torna-se mais grave, peço para os pais conversarem comigo e com a professora".
(professora da 3ª série B).*

*"(...) deixo bem claro que quem dá as regras sou eu, e que a partir do momento que ele se comportar como seus amigos, aí sim poderemos nos entender."
(professora da 4ª série A).*

*"... tiro aquilo que ele gosta, não dou folhas para colorir, não deixo ser ajudante. São castigos leves que não irão prejudicá-lo."
(professora do CB II C).*

*"(...)procuro deixá-lo por algum tempo, até ele sentir, mas se durante este espaço de tempo tiver alguma atividade de leitura ou atividade na lousa, o chamo normalmente, fingindo que nada aconteceu. Mas se ele continuar a bagunçar, eu fico brava."
(professora do CB I A).*

*"(...) primeiro tento conversar com a criança, chamando a atenção à parte e se não resolver chamo a atenção na frente dos colegas. Em terceira instância se ainda o aluno não obedecer, chamo os pais e solicito autorização para tomar atitudes mais sérias. Exemplo: isolar a criança; só vai participar depois de todos; no caso de agressividade, unir os iguais para tentar contornar a situação; ficar sentado em um banquinho para sentir o que é ficar só".
(professora do CB I B)*

De acordo com Furlani, existe também - instrumentos de punição chamados: nota, prova, etc. A educação e a punição sempre estiveram historicamente juntas, mas ao longo do tempo, esta última foi substituída por formas mais sutis e não menos humilhantes: críticas, ironia, agressão verbal, etc.

Muitas vezes os alunos não tem culpa de agirem como agem, pois o próprio professor não consegue motivá-los, utilizando métodos inadequados, arcaicos e que não levam em conta o contexto e as necessidades da criança.

" Sem a presença de disciplina por parte do professor e aluno, não ocorre um trabalho intelectual que permita a leitura séria, a escrita cuidada e outras atividades que necessitam de atenção, descoberta, aprimoramento."

(Paulo Freire p. 115)

Muitas professoras colocam que possuem em sala alunos agressivos, indisciplinados e apáticos, mas não consideram que elas podem estar sendo as causadoras destas atitudes em alguns alunos. Elas só atribuem a culpa ao aluno e à sociedade: família, amigos da rua, etc.

" Eu tenho um aluno que não tem motivação, tudo ele copia pela metade, sempre está desligado, pensando em outras coisas. Acredito que ele é assim porque foi muito mimado pelos pais, sendo que só faz suas tarefas se os pais lhe derem brinquedos. Tenho também um aluno indisciplinado, destes que as professoras anteriores nem podem lembrar. Acredito que a família seja a culpada por sua falta de respeito e de limites, pois sua família sempre

deixou essa criança solta na rua e em má companhia."

(professora da 3ª série C).

" Alguns alunos demonstram agressividade e indisciplina. Percebi que muitos destes trazem sérios problemas de casa. Essas crianças são filhos de pais separados. "

(Professora do CB II B).

"Totalmente apático não, mas acredito que tenho alguns alunos que vêm de uma série muito fracas e não conseguiram atingir ainda o seu grau de maturidade."

(Professora da 4ª série A).

"(...) existe um aluno em minha sala, totalmente desmotivado. Em minha opinião, isto acontece porque esta criança nunca teve nenhum tipo de estímulo em sua casa".

(professora do CB II C)

"(...) eu tenho dois alunos agressivos e um apático. Eu acho que isso vem da família e de problemas psicológicos".

(professora do CB I A)

Como já foi colocado anteriormente, as regras são de suma importância para a aprendizagem e respeito mútuo em sala de aula. Acredito que isso ocorra porque as mesmas não são combinadas dentro de um comum acordo.

Mesmo utilizando as regras e as lembrando sempre ainda ocorrem a resistência por parte de alguns alunos.

*" As regras precisam ser lembradas sempre durante as conversas em sala, porque a criança esquece muito fácil do que é certo ou errado."
(professora do CB II A).*

*" Os alunos indisciplinados não aceitam muito as conversas mantidas pelo professor porque eles não vem à escola com o objetivo de estudar e sim, de bagunçar."
(professora do CB II B).*

A existência de alunos adolescentes nas séries iniciais é lembrada por algumas professoras como algo que leva à indisciplina e à resistência. Elas acreditam que a permanência desses alunos em séries iniciais ocupando o mesmo espaço que as crianças é algo que deveria ser mudado nas escolas.

" Apesar de trabalhar com CB II, tenho alunos que são adolescentes e que impõem certa resistência às idéias propostas. "

(professora do CB II C)

Os docentes são muito taxados nos livros e em cursos de magistério e pedagogia de: autoritários, licenciosos etc. Na verdade, não podemos atribuir ao professor somente uma postura, dizendo por exemplo - que ele é autoritário. Ele pode no decorrer de uma aula, durante o ano letivo ou durante sua carreira, tomar várias posturas, dependendo dos alunos, de seu estado de espírito no momento e das posições que ele julga corretas.

Não podemos dizer que o professor ao tomar uma posição autoritária agiu incorretamente, pois ele muitas vezes teve seus motivos para agir daquele modo em determinado momento.

O que foi supracitado, fica bem claro no depoimento de uma professora da 3ª série:

"Essa 3ª série em que leciono eu peguei em meados de maio. A professora anterior não dominava a classe e foi muito difícil para eu conseguir disciplina. A maneira que encontrei, foi ser autoritária no começo da convivência com os 42 alunos."

(professora. da 3ª série B)

V. CONCLUSÃO

No enveredamento pelos caminhos da teoria e da prática, pude analisar e discutir várias situações sobre a **Questão da Disciplina**.

Durante a pesquisa de campo, foi possível conhecer bem de perto a realidade de uma escola pública, no que diz respeito às posturas dos professores e aos comportamentos dos alunos.

Pude observar, durante as entrevistas, que as professoras procuravam encobrir seus verdadeiros métodos e posturas, mas que, ao responder a uma pergunta ou outra, elas acabavam por expor o que de fato faziam.

Através das observações em sala, percebi que a maioria dos alunos não mostravam muito interesse pela matéria apresentada e faziam suas atividades de forma mecânica. A participação durante as aulas era algo que quase não existia, pois a maioria dos professores, somente ensinava o que estava nos livros didáticos, não dando margem à criatividade dos alunos.

Foi possível constatar também que as regras existentes na sala de aula eram impostas pelas docentes, e que havia sempre punições para os alunos que não as cumpriam, tais como: “chantagens”, “ameaças”, “castigos” etc.

Constatei também que a falta de disciplina e respeito mútuo, aconteciam em algumas salas por que muitos alunos não tinham consciência de seus limites.

Durante minha permanência nas salas, não observei nenhum caso específico de agressividade por parte dos alunos, apenas encontrei casos de indisciplina e apatia.

As análises teóricas tiveram papel muito importante durante o processo, possibilitando a melhor compreensão sobre a realidade.

A análise sobre os contratos me fizeram perceber que os mesmos apresentam diversas “faces”, ou seja, existem vários tipos de contratos, em que cada um está à mercê do grupo social, das instituições, do governo etc. A questão do contrato me fez reportar à sala de aula, para constatar que lá ele também está presente em forma de regras.

O poder disciplinar e a ordem foram peças importantes para reflexão a cerca da que ainda está ocorrendo nas escolas e repensar sobre o problema.

Paulo Freire e Dottiens possibilitaram uma conscientização e criticidade sobre o verdadeiro papel do professor, e as posturas mais adequadas que devem ter em sala de aula para um trabalho sério e de qualidade.

As conclusões mais proeminentes que obtive através deste trabalho foram as seguintes :

- Os contratos são importantes para a convivência social na escola, desde que as pessoas tenham possibilidade de expressarem seus sentimentos e participarem de forma ativa e democrática no seu estabelecimento;
- As regras são necessárias e devem ser combinadas dentro de um consenso entre professor e alunos, nunca impostas;

- As aulas devem ser motivantes, inspirando nos alunos a: participação, criatividade, conscientização, politicidade, etc;
- Para que exista respeito mútuo e noção de limites, é necessário a conscientização e a participação dos alunos sobre seus direitos e deveres;
- O respeito mútuo é a base para a convivência em sociedade e para efetivar-se a aprendizagem.

Considero que muito ainda deve ser pesquisado sobre a **Questão da Disciplina**. Não pretendo concluir meu trabalho apresentando fórmulas ou receitas de como disciplinar, mas apenas, fazer com que os envolvidos no meio educacional, reflitam sobre suas posturas e procurem empenhar-se o máximo para mudar a dura realidade disciplinar nas salas de aula, principalmente nas séries iniciais do 1º grau.

Espero que nós educadores tenhamos um dia a capacidade de resolver essa “Questão” que é tão complexa, de maneira gratificante e com a certeza de que muitas coisas ainda temos por resolver neste emaranhado social desalentador, que do qual, todos nós fazemos parte.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Canetti, Elias . **Massa e Poder** . São Paulo: Melhoramentos, 1986.
2. Ceccon, Claudius e Oliveira, Miguel Darcy e Oliveira, Rosiska Darcy. **A Vida na Escola e a Escola da Vida**. (11ª Edição) Rio de Janeiro: Vozes, 1982.
3. D'Antola (org.). **Disciplina na Escola: Autoridade versus Autoritarismo**. (2ª. Edição) São Paulo: E.P.U., 1982.
4. Dottrens, Robert . **A Crise da Educação e seus Remédios**. (2ª Edição) Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
5. Foucault, Michel . **Vigiar e Punir**. (7ª Edição) Petrópolis: Vozes, 1989.
6. Freire, Paulo . **Professora Sim Tia Não**. (2ª Edição) São Paulo: Olho D'Água, 1993.
7. Furlani, Lúcia Maria T. **Autoridade do Professor: Meta, Mito ou Nada Disso?** (3ª Edição) São Paulo: Cortez, 1991.
8. Guimarães, Áurea Maria . **Vigilância, Punição e Depredação Escolar**. (1ª Edição) Campinas: Papirus, 1985.

9. Hobbes, Thomas . **Leviatã ou Matéria, Forma e Poder de um Estado Eclesiástico e Civil.** (3ª Edição) São Paulo: Abril Cultural, 1983.

10. Lagôa, Ana . **A Confusão entre a Autoridade e Autoritarismo ou Pedagogia do Chinelo** in Revista Nova Escola nº 20, dezembro, São Paulo: Abril, 1990.

11. Serricchio, Maria M. R. **A Busca do Equilíbrio** in Revista Educação, março, 1988.

12. Silva, Kátia Maria da. **O Corpo Sentado: Notas Críticas Sobre o Corpo e o Sentar na Escola.** Dissertação de Mestrado. F. E., Unicamp, 1994.

13. Rousseau, Jean Jacques. **Do Contrato Social.** (3ª Edição) São Paulo: Abril, 1983.